

# APRESENTAÇÃO

**Giovanni Alves**

**Maria Sylvia Simões Bueno**

(organizadores)

O conjunto de textos aqui apresentados reflete uma cuidadosa seleção realizada a partir de textos apresentados e discutidos no V Seminário do Trabalho, já consolidado como evento de referência para a UNESP – Campus de Marília, por se constituir como um importante espaço de debate crítico e de troca de experiências entre diversos pesquisadores voltados para as questões pertinentes ao mundo do trabalho, em especial para as situações decorrentes das transformações do capitalismo global no Brasil e no mundo.

A reestruturação produtiva, com suas inovações tecnológicas e organizacionais, alterou significativamente o local de trabalho nas empresas, atingindo o perfil das profissões industriais e de serviços, na cidade e no campo. Com o toyotismo, surgiram novas exigências de educação e qualificação profissional, novas articulações entre trabalho material e trabalho imaterial, novas práticas de negociação coletiva e de sindicalismo. A nova empresa flexível colocou novas determinações sociais para a reflexão sobre alienação e estranhamento, tempo de trabalho e tempo de vida. Todas essas questões têm sido, anualmente, objeto de reflexões durante o Seminário do Trabalho e foram ampliadas em duas dimensões.

A primeira diz respeito à integração do Programa de Pós-Graduação em Educação ao Seminário do Trabalho, permitindo o entrecruzar de olhares de cientistas sociais e educadores que vem há muito tempo se debruçando sobre essas questões. Vale registrar que alguns autores deste livro têm funcionado como atores importantes no delineamento das

diretrizes atuais para a educação profissional, como é o caso de Gaudêncio Frigotto e Lucília Machado. Essa integração se fez, também, com a participação dos membros da Linha de Pesquisa “Política e Gestão do Ensino Médio e da Educação Profissional”, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Política Educacional Brasileira Contemporânea, que se articula à Fundação Carlos Chagas no desenvolvimento do Projeto FAPESP/FCC “A educação profissional de nível médio: construção de um novo perfil?”, coordenado pela Dra. Maria Sylvania Simões Bueno. Esta pesquisadora, da UNESP, bem como a Dra. Dagmar Zibas, da Fundação Carlos Chagas, ofereceram, na oportunidade do Seminário, mini-curso sobre o tema “Trabalho e Educação”, enquanto produto parcial do referido projeto.

A segunda, tão importante quanto esta, é a internacionalização do evento (e da presente publicação), com a participação de conferencistas de outros países (Portugal, México e Cuba), ligados tanto à área das ciências sociais quanto à área da educação. Nesse sentido o evento redefiniu-se como um Seminário Internacional do Trabalho, organizado pela RET – Rede de Estudos do Trabalho ([www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org)).

Durante as mesas de debates procurou-se discutir temas que têm desafiado a reflexão e a criatividade dos intelectuais e pesquisadores que tratam do mundo do trabalho. Neste livro, organizado em duas partes (“O mundo do trabalho hoje” e “Trabalho, Educação e formação profissional hoje”) buscamos expressar o espírito crítico e interdisciplinar do Seminário do Trabalho, dedicado em sua quinta edição, a discutir o tema de Trabalho e Educação no Capitalismo Global.

Primeiro, o ensaio de abertura é a transcrição adaptada da palestra do Prof. Dr. Gaudêncio Frigotto (UERJ) no V Seminário do Trabalho, onde ele tratou do tema “**Perspectivas do Trabalho e Educação no Capitalismo Global**”. Abordou múltiplos aspectos de questões teórico-metodológicas que dizem respeito a investigação crítica na área de trabalho e educação. Frigotto apenas indicou elementos para uma crítica positiva da nossa prática reflexiva sobre este tema.

Na Parte I intitulada “O Mundo do Trabalho Hoje”, reunimos ensaios de pesquisadores e intelectuais do Brasil e do México que buscam expor a morfologia social do mundo do trabalho nos primórdios do século XXI. No ensaio “Superexploração e Precarização do Trabalho na Década de 2000”, **Adrian Sotello Valencia, da UNAM (México)**, apresenta dados para refletirmos sobre um dos traços candentes da exploração capitalista na década de 2000, destacando seus dois principais elementos: super-exploração e precarização da força de trabalho. Com certeza, são características que devem incidir sobre nossa reflexão crítica a respeito do desenvolvimento do capitalismo global e seus vínculos com processos educacionais e de formação profissional.

Com o ensaio “Cenários sobre o presente do trabalho”, **Jacob Carlos Lima** faz uma ousada reflexão sobre os cenários do salariedade no Brasil a partir de um diálogo com o sociólogo Ulrich Beck. Diz ele: “Nos propomos a fazer um exercício com a utilização de alguns dos cenários propostos por Becker acerca do futuro do trabalho na Europa, como forma de discutir o risco e a insegurança como permanente no mercado de trabalho brasileiro, no passado e no presente. Em outras palavras, que o futuro do trabalho no Brasil, no novo contexto, amplia a precarização histórica que sempre caracterizou o mercado de trabalho, eliminando o “futuro” representado por uma possível condição salarial plena.”

No capítulo seguinte, intitulado “Afim, quem é a classe trabalhadora hoje?”, **Ricardo Antunes** se dedica a retomar, num pequeno, mas instigante ensaio, a discussão sobre o perfil da “classe-que-vive-do-trabalho” hoje, buscando colocar importantes elementos que possam contribuir para uma maior clareza sobre a categoria de classe trabalhadora.

No último capítulo desta Primeira Parte, intitulado “Trabalho e Estado Neoliberal no Brasil - determinidades da luta de classes na década de 2000”, **Giovanni Alves** se debruça sobre os principais contornos do mundo do trabalho na década de 2000 no Brasil, tratando das dimensões da luta de classe e da morfologia social da classe trabalhadora sob o Estado neoliberal. O que o autor busca salientar é que, na última década, constituiu-se não apenas um Estado neoliberal, mas uma sociedade civil neoliberal, que coloca novas

determinidades à luta de classes no Brasil, seja em seus aspectos objetivos, seja em seus aspectos subjetivos.

Na Parte II, intitulada “Trabalho, Educação e Formação Profissional hoje”, buscamos tratar de aspectos específicos da temática desta coletânea, expondo, numa dimensão crítica e plural, resultados de investigações sociais tanto na área de Educação, quanto na área das ciências sociais.

O ensaio de abertura desta segunda parte, intitulado “Educação e trabalho: perspectivas no século XXI - Um olhar desde a semiperiferia Europeia”, **Fátima Antunes**, da Universidade do Minho (Portugal), situa o debate sobre Educação e Trabalho na semi-periferia europeia, com destaque para Portugal, abrindo novos horizontes de reflexões crítica. Diz ela: “ [...] vou analisar as relações entre educação e trabalho, enquanto parte de uma dinâmica mais ampla de reposicionamento da educação na *regulação* social, com ramificações e traduções diversas nos processos que articulam Educação e Trabalho; essa mudança inscreve-se ainda na reordenação das relações e instituições sociais do capitalismo nesta fase aberta com a crise econômica dos anos setenta do século XX”. Mais adiante salienta que buscará “sublinhar o olhar crítico que interroga e duvida do espontâneo círculo virtuoso desenhado pela ligação entre educação, cidadania e competitividade; frisarei que há condições, que as propostas de pendor neoliberal não satisfazem, nem mesmo reconhecem, para que estes elos gravitem em sentidos convergentes ou, pelo menos, compatíveis”.

No ensaio seguinte, intitulado “A Educação na Perspectiva dos Trabalhadores”, **Ariovaldo Santos**, retoma, numa perspectiva crítica de cariz marxista, uma reflexão sobre temas da área de Educação e seu vínculo com a centralidade do trabalho e a busca pela emancipação humana. Diz ele: Se, efetivamente, a educação na perspectiva dos trabalhadores só é possível para além do capital e passa, necessariamente, pela construção, junto às massas de trabalhadores, de um tipo específico de reflexão que desperte, no conjunto da classe, a consciência dos seus interesses distintos face ao modo de produção capitalista, também é um fato que ao longo do século XX obstáculos profundos foram construídos nos minúsculos poros da vida social”. Enfim, como situar a escola no bojo da perspectiva da emancipação do trabalho. O autor destaca mais adiante que o processo de emancipação humana “não pode ser considerado tão-somente na ótica da escola como

totalidade, uma vez que os mecanismos de internalização e dominação atravessam todo o tecido social”.

No ensaio “Trabalho Complexo, Educação e Formação Profissional”: Perspectivas para uma nova pedagogia laboral”, **Werner Market** aborda o tema da educação e formação profissional na ótica gramsciana. Diz ele: “As relações entre produção moderna e escola podem ser frutíferas contanto que a formação técnico-especializada tenha por base a educação humanística e oriente-se na dimensão científico-criativa da indústria. Percebe-se que Gramsci descobriu e enfatizou as chances formativas do desenvolvimento das estruturas complexas do trabalho industrial no processo da educação do novo intelectual. Produção industrial enquanto “trabalho qualificante” favorece o desenvolvimento da criatividade e torna-se “princípio educativo”. Mas o intelectual político-intervencionista dispõe igualmente de uma educação geral”. Na verdade, Market busca responder a seguinte questão: seria possível atualizar as reflexões de Marx e Gramsci e discutir a possibilidade de relacionar o “trabalho complexo” do futuro com conceitos político-educacionais da formação do cidadão sujeito? Ele começa com uma breve caracterização do conceito “trabalho complexo” apresentado pelo MEC e analisa conceitos exemplares de integração de “trabalho qualificante” e formação profissional baseados em experiências na Alemanha visando perspectivas para uma nova pedagogia laboral.

A seguir, **Maria Sylvia Simões Bueno**, no ensaio intitulado “Contexto e contextualização na formação do técnico de nível médio” busca discutir dimensões restritivas das diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio e para a educação profissional técnica de nível médio, em especial quando tratam das concepções de contexto e de contextualização enquanto princípio curricular e eixo pedagógico. Nessa perspectiva, analisa como o tratamento dessas categorias compõe o perfil de formação do técnico de nível médio e o dimensionamento de escolas endereçadas, em princípio, à juventude, nos meandros dos discursos e compromissos políticos assumidos pelo poder público, bem como na forma como são apropriadas no cotidiano escolar e nele são compreendidas. Tenta apontar, assim, as contribuições que oferecem e podem oferecer (enquanto proposta) para os desafios da inserção social substantiva de jovens pobres (a avassaladora maioria) nos cenários locais, nacionais e regionais e para a redução de seus riscos de exclusão.

No capítulo intitulado “O Profissional Tecnólogo e sua Formação”, **Lucília Machado** faz algumas interessantes indagações sobre as condições que se praticou anteriormente a profissão de tecnólogo. Ela pergunta: Por que se diz que o Tecnólogo é um profissional que só recentemente surgiu no Brasil? Se houve reação corporativa contra essa atividade especializada, de quais profissões teria vindo? De que forma se deu o cerceamento corporativista? Ele ainda ocorre? Conforme a autora ressalta, o ensaio não tem a intenção de responder essas perguntas. Pretende, simplesmente, apresentar a partir de aspectos históricos alguns elementos para tanto, especialmente para a constituição do problema que envolve a definição da identidade profissional do Tecnólogo e, dessa forma, contribuir para o diagnóstico e proposições de políticas que levem à melhoria da qualidade dos cursos superiores de tecnologia no Brasil.

Finalmente, num pequeno ensaio intitulado “Problemas esenciales en la educación para la formación profesional y el trabajo - reflexiones para una solución”, **Guillermo Arias Beatón**, da Universidade de Havana (Cuba) a necessidade de vincular trabalho e formação profissional com o trajeto educacional de homens e mulheres, desde a educação infantil, fundamental e média, constituindo esta, como diz o autor, “una condición inicial y esencial, para lograr una preparación y formación para el trabajo, para todo y de calidad”.

Em seu apêndice, “Trabalho, Educação e Formação profissional – Perspectivas do Capitalismo Global” abre espaço para uma reflexão sobre o estudo do cinema-história como elemento do que seria uma pedagogia das representações. É o que sugere **Jorge Novoa** com o ensaio “A Pedagogia das representações Cinematográficas da História e os trabalhadores na experiência da URSS e da Alemanha”. Diz o autor: “O cinema é um sistema de linguagem pictórica. É o mais complexo sistema de comunicação que o homem já inventou. Ele é tão completo que extrai sua fascinação absoluta da capacidade de dar ao seu público a ilusão de realidade. O cinema representa, reflete, registra, comunica, explica e induz a ação”. Jorge Novoa fez sua exposição no V Seminário do Trabalho, durante a sessão do Projeto tela Crítica ([www.telacritica.org](http://www.telacritica.org)) que, no bojo dos Seminários do Trabalho, organizados pela RET – rede de Estudos do Trabalho, tem utilizado o cinema

como meio de reflexão sobre temáticas do trabalho. Ao utilizar o cinema, o Projeto Tela Crítica e a RET reiteram as palavras acima de Novoa. Em seu ensaio, Novoa sugere, de modo mais efetivo, o cinema como uma pedagogia das representações. Diz ele: “Como vimos o cinema tem sido um extraordinário veículo de difusão de consciência histórica, falsa ou verdadeira, o mais completo discurso de representação da história. Tem sido o maior laboratório da construção, difusão, documentação da própria história. O fundamental da consciência histórica que se detém hoje no mundo é oriundo do discurso fílmico como visão e escrita particular da história e daquelas mídias que lhe foram derivadas na utilização das imagens”.

O dossier “Trabalho, Educação e Formação Profissional – Perspectivas do Capitalismo Global” irá contribuir para uma reflexão sobre os problemas do mundo do trabalho hoje. Ele expõe, de modo inequívoco, uma perspectiva crítica e interdisciplinar, com um intenso diálogo com a área de Educação, ocorrida neste V Seminário do Trabalho. É um exemplo que queremos prosseguir, incorporando para o dialogo outras áreas das Ciências Sociais.